

A VALORIZAÇÃO DA AUTOESTIMA COMO PRECURSORA DO CONHECIMENTO NA EJA

Patrícia Silva Costa Duarte¹, Ricardo Baratella²

¹ Universidade de Uberaba / PIBID:CAPES, patricia.s.c.duarte@hotmail.com

² PIBID: CAPES / Universidade de Uberaba, gestor.cienciasbiologicas@uniube.br

Linha de trabalho: Inovações curriculares.

Resumo

Este trabalho trata-se das experiências e vivências de bolsistas do Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência, com grupos de educandos da EJA da Escola Municipal Santa Maria, município de Uberaba. As atividades do ensino de Ciências são planejadas e delineadas em uma perspectiva interdisciplinar, com vistas à “elevação” da autoestima, acolhimento e motivação dos estudantes, com recursos didático-metodológicos que facilitam a produção de conhecimentos nas diferentes áreas. Constatamos que as práticas interdisciplinares são possibilidades de superar a fragmentação do conhecimento na EJA, promovendo uma visão holística do saber e permitindo uma integração dos componentes curriculares com o cotidiano.

Palavras-chave: interdisciplinaridade, EJA, Ciências, autoestima.

Contexto do Relato

A Educação de Jovens e Adultos caracteriza-se por ser uma modalidade de ensino totalmente diferenciada em relação ao ensino regular. Os estudantes quando retornam à Escola, buscam satisfazer suas necessidades educacionais, principalmente nos conteúdos que consideram importantes no seu cotidiano. Quantas vezes já fomos questionados pelos discentes sobre o porquê de aprender Ciências, História, Artes e outras disciplinas, enquanto a maioria considera necessário, o *ler e escrever*. Manter esses alunos da EJA na Escola é um grande desafio para a equipe pedagógica e docentes.

Uma característica frequente do aluno da Educação de Jovens e Adultos é sua baixa autoestima, muitas vezes reforçada pelas situações de fracasso escolar. A sua eventual passagem pela Escola, muitas vezes, foi marcada pela exclusão ou pelo insucesso escolar. Com um desempenho pedagógico anterior comprometido, esse educando volta à sala de aula revelando uma autoimagem fragilizada, expressando sentimento de insegurança e de desvalorização pessoal frente aos novos desafios que se impõem (BRASIL, 2006, p. 16).

Em nosso país, “reza” a lei suprema que educação é direito de todos em igualdade de condições de acesso e permanência visando o pleno desenvolvimento da pessoa humana,

preparando-a para o exercício da cidadania e qualificação para o trabalho. Sendo esta uma obrigação do Estado sem, contudo, excluir a responsabilidade familiar, medidas tem sido analisadas a fim de se alcançar tal objetivo. Entre elas está o Pacto Nacional pela Alfabetização na Idade Certa (PNAIC), em que governos federais, estaduais e municipais firmaram um acordo para que crianças possam estar lendo e escrevendo ao fim do terceiro ano do Ensino Fundamental, ou seja, aos oito anos de idade.

Infelizmente por razões diversas, na maioria das vezes permeadas por desigualdades sociais, inúmeras crianças deixam de ser alfabetizadas e quando jovens ou adultos, buscam na modalidade de ensino conhecido como EJA (Educação de Jovens e Adultos), a oportunidade de se sentirem novamente inseridos integralmente na sociedade. Criada exatamente com o objetivo de atrair jovens e adultos que não conseguiram concluir o Ensino Fundamental ou Médio na idade apropriada, a EJA tem embasamento legal na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional que garante oportunidades educacionais apropriadas às características e interesse de seus alunos.

É de imprescindível relevância que quando o docente opte por trabalhar com esta modalidade leve em consideração que esses alunos trazem consigo uma bagagem previamente vivida conforme considera Nascimento (2007), ao explicar que os sujeitos possuem um conhecimento diferente do saber escolar que é aflorado pelo valor da experiência, do saber popular, da maturidade e da sabedoria. Freitas (2007) afirma ainda que o educador tenha diante de si um universo riquíssimo de experiências e vidas. Respeitar os saberes vividos é importante uma vez que, são as experiências e motivações internas que integram a autoestima desse segmento populacional (NASCIMENTO, 2007).

Respeitando os sonhos, as frustrações, as dúvidas, os medos, os desejos dos educandos, crianças, jovens ou adultos, os educadores e educadoras populares têm neles um ponto de partida para a sua ação. Insista-se, um ponto de partida e não de chegada. (FREIRE, 1993, p. 16).

Segundo Porto (2009), a aprendizagem deve ser vista como um processo fundamental que ocorre no dia a dia desde o início da vida, do qual há o desenvolvimento de comportamentos que possibilitam viver. Entre as experiências por vezes, estão dramas pessoais, conflitos e preconceitos que atuam como barreira na abordagem de temas delicados como diversidade, sexualidade e drogas ao passo que são também, comuns ao ensino de Ciências.

Nas turmas de EJA há uma grande miscigenação quanto à idade e neste contexto ela é vista como uma das principais causas da (auto) desvalorização e atua como limitador do aprendizado uma vez que o aluno tende a se sentir excluído por não fazer parte do mesmo tempo que os demais. Existe aí um paradoxo entre aquele educando que “perdeu” o tempo de estudar e agora se acha “ultrapassado” com o ser que se sente “maduro” por ser adulto e que, no entanto, apresenta maiores dificuldades de aprendizado que aqueles que estão no tempo “normal” (FREITAS, 2007)

Numa mesma sala de um lado há aqueles que retornam os estudos almejando benefícios seja financeiro ou apenas satisfação pessoal e de outro lado há aqueles que estão ali apenas para cumprir a obrigação de concluir o Ensino Fundamental imposta pela sociedade e muitas vezes manifestada na vontade dos pais.

Falando ainda de miscigenação, o histórico familiar é determinante na autoestima dos estudantes, bem como, sua rotina diária, seus desejos e anseios em relação ao futuro e os motivos que os levaram a retornar à sala de aula. Enquanto que para alguns continuar os estudos não é, necessariamente, um projeto de vida, para vários o retorno é uma meta carregada de significado positivo, pois revive sonhos e planos de futuro. (CARRANO, 2015). O autor defende ainda que mais que um espaço de certificação a Escola deve ser concebido como espaço de recomeço.

Partindo dessa premissa é opção dos integrantes do Subprojeto Interdisciplinar do PIBID, trabalhar a valorização da autoestima ao se discutir questões polêmicas como drogas, sexualidade e preconceito em sala de aula com alunos de uma Escola Municipal de Uberaba que cursam o Ensino Fundamental na modalidade de ensino conhecida como EJA (Educação de Jovens e Adultos).

Detalhamento das Atividades

Durante três meses, bolsistas do Subprojeto Interdisciplinar **Recantos de Minas**: a percepção ambiental dialogada por meio da Arte, juntamente com a supervisora e o coordenador de área promoveram encontros semanais com discentes matriculados na EJA, os quais estão em faixa etária e gênero diverso, assim como em distintos graus de instrução, uma vez que o grupo inclui discentes de 6^o ao 9^o ano do Ensino Fundamental. Nas atividades planejadas destaca-se o diálogo entre as diferentes áreas do conhecimento, tendo a percepção

ambiental e a Arte como eixos de convergência. As temáticas trabalhadas eram da área de Ciências naturais e durante um período de 90 dias, aproximadamente, foi elencado discussões em torno dos eixos temáticos: diversidade e orientação sexual, preconceito, sexo / sexualidade e uso de drogas.

Nas salas de aula, sempre foram utilizados diferentes aportes teóricos-metodológicos, com uma multiplicidade de recursos visuais, exposições teóricas, levantamento de dados, documentários, debates de situações-problemas, dinâmicas participativas, “rodas de conversa” etc. Em um primeiro momento, ocorriam as informações acerca do tema e posteriormente os estudantes tinham total liberdade para expor suas ideias, opiniões e anseios em relação às discussões que estavam sendo realizadas. Frequentemente, como forma de consolidação do conhecimento, os estudantes socializavam suas vivências; e em algumas situações eram divididos em grupos, com o objetivo de trocar ideias e experiências, produzir materiais ou fazer releituras de obras de Arte, de forma livre e espontânea, a partir dos estudos temáticos.

Embora no ambiente escolar o principal foco seja a transmissão de conhecimento que envolva a prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis, a abordagem foi além, pois tem interesse de também despertar no aluno por meio do estímulo de seu amor próprio. O tratamento que é dado aos métodos contraceptivos e à prevenção de Doenças Sexualmente Transmissíveis vai além da didática já que precisa despertar a real conscientização de sua importância e a valorização dos alunos enquanto pessoas possuidoras de sonhos e capazes de torná-los realidade. A partir daí a discussão de temas mais delicados como o aborto, por exemplo, acontece mais naturalmente e mais uma vez, se faz necessário demonstrar o quanto a autoestima feminina deve estar presente ao lidar com uma gravidez indesejada e muitas vezes precoce.

Dentre os temas que foram abordados neste trabalho, a sexualidade foi o primeiro deles. Considerando que a escola é obrigatoriamente um local de discussão sobre sexualidade assim como de aquisição de informações corretas já que é local de aprimoramento intelectual (SOUSA NETO, 2012), e apesar da ampla discussão acerca da temática nas diversas mídias existentes, ainda é o causador de grande rebulição em sala de aula. Enquanto que para alguns ainda é visto como tabu, para outros é tido como naturalidade escancarada. A diversidade sexual ainda é a principal causadora de polêmica. Em vários momentos “risadas” e “piadinhas” permearam o ambiente, retratando a imaturidade de alguns e o desconhecimento de outros.

Ao que tange às drogas, é nítido a percepção de que se trata de algo bem próximo da realidade social que os cercam. Chega ao ponto de se levantar suspeitas do uso por parte de alguns, que se mostram bastante incomodados com a aula. É essencial resgatar deles relatos de experiências vividas que servem de exemplos reais do que se pode acontecer com aqueles que optam por seguir este caminho. Assim sendo, a aula além de assumir um caráter explicativo, promove uma abordagem reflexiva.

Análise e Discussão do Relato

É preciso cuidado por parte do docente ao escolher o conteúdo que será ministrado aos alunos já que não se pode desconsiderar a realidade em que estão inseridos, suas necessidades e expectativas bem como expressa Gouveia (2015) que julga ser este o caminho para se diminuir a maneira autoritária de um planejamento pronto.

A articulação de outras realidades culturais e outros saberes é evidenciada no espaço pedagógico da EJA que se mostra um solo fértil de possibilidades. (SANCEVERINO, 2016) E apresentar a eles outras perspectivas que não prejudiquem sua integridade e promovam a sua conscientização de que possuem seu valor na sociedade é a melhor alternativa já que Sousa Neto (2012) afirma que a transmissão de uma informação inteiramente científica não é suficiente para construir o senso de autoconsciência. A materialização do conhecimento precisa acontecer para que se tornem ações concretas do cotidiano e neste contexto Sanceverino (2016), avalia que por meio do diálogo, os seres humanos se tornam sujeitos de suas ações demonstrando neste sentido a importância das rodas de conversa ao longo de todo o processo.

Gouveia (2015) acredita que embora o aluno da EJA vislumbre diferentes expectativas de seu processo educacional, o Ensino Superior ainda é o maior sonho a ser realizado de grande parte dos alunos. Desta forma se evidencia que quando o professor entra em uma sala de aula de EJA está lidando diretamente com sonhos de vida e, portanto, precisa respeitá-los e instigá-los a conquistar seus objetivos.

Quando se dá ênfase à valorização das habilidades, dos talentos e potencialidades dos alunos, como o que foi feito na aula em que deveriam colocar no papel a consolidação de seu aprendizado, além de formar o convívio social, se eleva a autoestima e neste sentido Gouveia

(2015) esclarece que o aluno tem melhor condição de competir de forma igualitária com o mercado de trabalho e ensino superior.

Outro cuidado a ser tomado pelo docente é não assumir a posição de que o professor é o detentor do saber e que qualquer opinião discordante da sua seja visto como errônea. A abertura a diferentes pontos de vista deve ser sugerida e aos poucos se estabelece o diálogo. Munford (2015), afirma que as discussões devem resultar de um processo gradual e negociado entre seus membros e que não se estabelecem se forem impostas. Fato que vem de acordo com o que foi vivenciado na experiência aqui relatada.

Mais que aprender e ensinar se faz necessária uma ação humanizada, onde alegria, prazer e esperança sejam elementos que instiguem o interesse dos sujeitos aprendentes. (SANCEVERINO, 2016). Tudo que foi vivenciado expressa o quão importante é o trabalho docente e quanto o incentivo à autovalorização repercute na socialização dos alunos em sala de aula.

Considerações

Na Educação de Jovens e Adultos, o professor deve ter a consciência plena que seu público é totalmente diferenciado em relação aos alunos do ensino regular. Eles trazem consigo uma “grande bagagem” de experiências, de suas vivências e que devem ser valorizadas nas aulas. Esses alunos normalmente adoram contar sobre suas histórias, suas experiências, gostam de estabelecer vínculos de amizade, e adoram ser tratados com paciência e querem muito aprender.

Diante de alunos da EJA o desafio está em redescobrir a docência no sentido de moldar as aulas a partir das experiências dos discentes, uma vez que negá-las pode ser o motivo de fracasso do que se almeja alcançar. A interdisciplinaridade pode ser demonstrada em tentativa ao ser humano apreciar as interações entre a natureza e sociedade, incluindo a relação sujeitos/sociedade, assim como a interação entre os indivíduos. Portanto, consiste em métodos de relação/interação entre o conhecimento racional e conhecimento sensível, e de integração entre saberes tão díspares, e, ao mesmo tempo, indissociáveis na cultura de sentido da vida.

Trabalhar sexualidade, diversidade e drogas apesar de tão inseridos no cotidiano ainda são temas polêmicos em sala de aula e na EJA se faz mais forte quando em

determinados momentos alguns se mostraram resistentes a participar efetivamente. No entanto, quando compreendem o quanto é importante adquirir o conhecimento acerca dessas temáticas há uma abertura extraordinária. A interdisciplinaridade aos poucos vem ocupando uma posição de destaque no ambiente escolar, abrindo caminhos para novas possibilidades e organizações curriculares; apresentando-se como uma nova ferramenta pedagógica, porém como qualquer metodologia, ela necessita de cautela, observação, planejamento e elaboração, para que os resultados estejam interligados ao planejamento e aos objetivos iniciais.

A educação obrigatoriamente necessita ser prazerosa e para isso temos que trabalhar de maneira séria, planejada, organizada e coletivamente, procurando novas formas e possibilidades de saberes para a formação teórica e prática dos alunos. A partir dessas aprendizagens vivenciadas, esperamos que elas contribuam para uma educação que formará indivíduos sensíveis e solidários, capazes de realizar ações práticas, de fazer julgamentos e de tomar decisões.

Portanto, oferecer a esse estudante uma aula de qualidade, que desperte a curiosidade, que os levem à reflexão e à construção de aprendizagens significativas, é um direito irrevogável. Além disso, são fatores determinantes que contribuem para evitar a evasão escolar, que é uma característica marcante da Educação de Jovens e Adultos (EJA). É imprescindível que em todo o processo de convivência com alunos desta modalidade de ensino se dê extrema atenção à valorização da autoestima, pois assim os mesmos são capazes de desfazer a imagem de “atrasados” no tempo e assim um leque de possibilidades se abre à sua frente.

Referências

- BRASIL. Secretaria de Educação Fundamental. **Parâmetros curriculares nacionais: pluralidade cultural, orientação sexual**. Brasília: MEC/SEF, 1997. 126p. Disponível em: <<http://portal.mec.gov.br/seb/arquivos/pdf/orientacao.pdf>>. Acesso em: 20 abr. 2016.
- CARRANO, Paulo Cesar Rodrigues; MARINHO, Andreia Cidade; OLIVEIRA, Viviane Netto Medeiros de. Trajetórias truncadas, trabalho e futuro: jovens fora de série na escola pública de ensino médio. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 41, n. spe, p. 1439-1454, Dez. 2015.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação: cartas pedagógicas e outros escritos**. São Paulo: UNESP, 1993.
- FREITAS, Katia Pinheiro; SILVA, Lourdes Helena da. Reflexão e Análise da Formação de Educadores de Jovens e Adultos do Campo. **Educ. Real**. Porto Alegre, v. 41, n. 2, p. 555-573, Jun. 2007.

GOUVEIA, Daniele da Silva Maia; SILVA, Alcina Maria Testa Braz da. A formação educacional na EJA: dilemas e representações sociais. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**. Belo Horizonte, v. 17, n. 3, p. 749-767, Dez. 2015.

MUNFORD, Danusa; TELES, Ana Paula Souto Silva. Argumentação e a construção de oportunidades de aprendizagem em aulas de ciências. **Ens. Pesqui. Educ. Ciênc.**. Belo Horizonte, v. 17, n. spe, p. 161-185, Nov. 2015.

NASCIMENTO, AD., HETKOWSKI, TM., orgs. **Memória e formação de professores** [online]. Salvador: EDUFBA, 2007. 310 p. ISBN 978-85-232-0484-6. Disponível em: <<http://static.scielo.org/scielobooks/f5jk5/pdf/nascimento-9788523209186.pdf>>. Acesso em: 13 ago.2016.

PORTO, Olívia. **Psicopedagogia institucional**. Rio de Janeiro: Wak, 2009.

SANCEVERINO, Adriana Regina. Mediação pedagógica na educação de jovens e adultos: exigência existencial e política do diálogo como fundamento da prática. **Rev. Bras. Educ.**, Rio de Janeiro, v. 21, n. 65, p. 455-475, Jun.2016.

SOUSA NETO, Ariel et al . Programa de educação pelo trabalho para a saúde nas escolas: oficina sobre sexualidade. **Rev. bras. educ. med.**, Rio de Janeiro , v. 36, n. 1, supl. 1, p. 86-91, Mar. 2012 . Disponível em: < <http://dx.doi.org/10.1590/S0100-55022012000200012>> Acesso em: 23 abr.2016.

